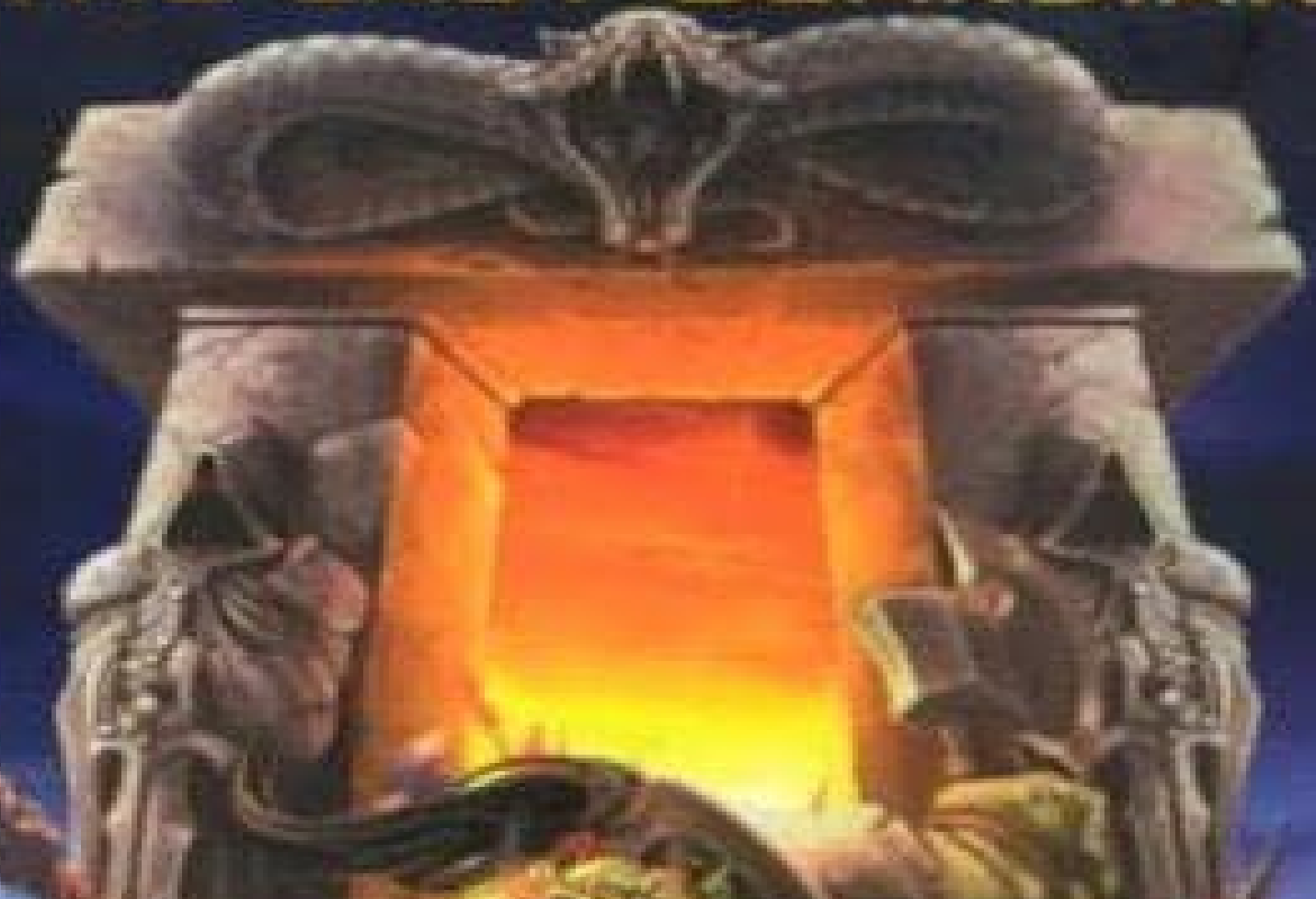


From the *New York Times* bestselling author of *The X-Files: Goblins*

WARCRAFT

#1

THE LAST GUARDIAN



CHARLES L. GRANT

Warcraft - O Último Guardião

Jeff Grubb Tradução para Português – BR 1.1 (06/12/2011)

Prólogo

A Torre Solitária

A maior das duas luas havia nascido primeiro naquela noite e agora aparecia completa, de um branco prateado contra o céu limpo e pontilhado de estrelas. Abaixo do suave luar, os picos das Montanhas Crustarrubra se erguiam aos céus. Sob a luz do dia, o Sol fazia irradiar tons de magenta e ferrugem dos grandes picos de granito, mas sob o luar eles eram reduzidos a altos e orgulhosos fantasmas. Para o oeste encontra-se a Floresta de Évora, com as pesadas copas dos carvalhos e aroeiras cobrindo a área desde a base da cordilheira até o mar. Para o leste se espalha o pântano desolado do Lamaçal Negro, uma terra encharcada, de colinas baixas, com povoados falidos e perigos a espreita. Uma sombra atravessou brevemente a lua, uma sombra do porte de um corvo, indo em direção a um buraco no coração da montanha. Aqui, um naco havia sido retirado do comprimento de Crustarrubra formando uma clareira circular. Pode ter sido o cenário de um impacto celestial primordial ou a memória de uma explosão de tremer a terra, mas as eras desgastaram a cratera hemisférica em uma série de morros íngremes que agora eram coroados pelas altas montanhas ao redor. Nenhuma das árvores anciãs de Elwynn conseguia alcançar tal altitude e o interior do anel de colinas era desolado, salvo por algumas ervas e por emaranhados de vinhas. No centro do anel de colinas fica um rochedo nu, tão careca quanto a cabeça de lorde mercador de Kul Tiras. De fato, a própria forma íngreme como o rochedo se ergue, para então se aplainar no topo, é similar a de um crânio humano. Muitos haviam percebido isso ao longo dos anos, apesar de poucos terem sido suficientemente corajosos, poderosos ou tolos para mencionar o fato ao dono da propriedade. No topo achatado do rochedo se ergue uma torre anciã, uma protrusão grossa e massiva de rochas brancas e cavidades negras, uma erupção feita pelo homem que se atirava sem esforço para o céu, subindo mais alto do que as colinas vizinhas, acesa pelo luar como um farol. Havia uma muralha baixa na base da torre cercando o pátio e, dentro dessa muralha, os restos decadentes de um estábulo e de uma ferraria.

Mas a torre por si só dominava tudo dentro do anel de colinas. Um dia essa torre fora chamada de Karazhan. Um dia ela fora o lar do último dos misteriosos e secretos Guardiões de Tirisfal. Um dia ela fora um lugar vivo. Hoje ela estava simplesmente abandonada e perdida no tempo. Havia silêncio sobre a torre, mas não calmaria. No abraço da noite, formas quietas esvoaçavam de janela em janela e fantasmas dançavam ao longo dos balcões e parapeitos. Menos do que fantasmas, mais do que memórias, eles eram nada mais do que pedaços do passado que foram deslocados do fluxo do tempo. Essas sombras do passado foram desprendidas pela loucura do proprietário da torre, e estavam agora condenadas a encenar suas histórias incessantemente no silêncio da torre abandonada. Condenados a encenar, mas negados de qualquer audiência para lhes apreciar. Então no silêncio, ouviu-se o leve som de um pisar de bota sobre a pedra, e então mais um. Um relâmpago de movimento sob o pálido luar, uma sombra contra a rocha branca, o esvoaçar de um capuz vermelho, esfarrapado, no ar frio da noite. Uma figura andava sobre o mais alto parapeito, na torre mais alta, que anos antes servira como observatório. A porta do parapeito para o observatório se abriu rangendo suas dobradiças anciãs e então parou, congelada pela ferrugem e pela passagem do tempo. A figura encapuzada parou um momento, então pôs um dedo na dobradiça e murmurou um pequeno conjunto de palavras. A porta abriu silenciosamente, as dobradiças como novas. O invasor se deixou sorrir. O observatório estava vazio agora, as ferramentas restantes destruídas e abandonadas. O invasor quase tão silencioso como se fosse um fantasma pegou um astrolábio despedaçado, sua escala torcida em um momento de raiva já esquecido. Agora um mero pedaço pesado de ouro, inerte e inútil em sua mão. Havia mais movimento no observatório e o invasor ergueu o olhar. Uma figura

fantasmagórica estava parada nas proximidades, ao lado de uma das muitas janelas. O fantasma/não fantasma era um homem de ombros largos, cabelo e barba antes negros, mas agora tornando-se prematuramente cinza nas bordas. A figura era um dos pedaços do passado, descolado e agora repetindo sua tarefa, independente de ter plateia ou não. Por um momento, o homem de cabelos escuros segurou o astrolábio, o gêmeo intacto do que estava nas mãos do invasor, munido de um pequeno botão em um dos lados. Um momento, uma leitura, e uma virada no botão.

Suas sobrancelhas negras se contraíram sobre olhos verdes fantasmagóricos. Mais um momento, outra leitura, outra virada. Finalmente, a figura alta e imponente suspirou profundamente e colocou o astrolábio em uma mesa que já não estava mais lá e desapareceu. O invasor acenou com a cabeça. Tais assombrações eram comuns mesmo nos dias em que Karazhan era habitada, mas agora, despida do controle (e da loucura) de seu mestre, elas se tornaram mais constantes. Mas esses pedaços do passado pertenciam a este lugar, enquanto ele não. Ele era o deslocado, não eles. O invasor atravessou o quarto para as escadarias que levavam aos andares inferiores, enquanto atrás dele o homem velho reapareceu e repetiu suas ações, olhando com seu astrolábio para um planeta que a muito se movera para outras partes do céu. O invasor seguiu para baixo, pela torre, atravessando andares para alcançar outras escadarias e outros corredores. Nenhuma porta estava fechada para ele, mesmo as trancadas e pregadas, ou seladas pela ferrugem e idade. Algumas palavras, um toque, um gesto e os trincos corriam livres, a ferrugem se dissolvia em pilhas de pó, as dobradiças se restauravam. Em um ou dois lugares, proteções anciãs ainda brilhavam, potentes apesar da idade. Ele parou em frente a elas por um momento, pensando, refletindo, buscando em sua memória a senha. Ele falou a palavra correta, fez os movimentos corretos com as mãos, destruiu a magia fraca que restava e seguiu em frente. Enquanto movia-se pela torre, os fantasmas do passado se tornavam mais agitados e ativos. Agora com uma audiência em potencial, parecia que esses pedaços do passado queriam desempenhar, tentando se tornar livres deste lugar. Qualquer som que possuísem fora a muito tempo erodido, deixando apenas imagens se movendo através dos corredores. O invasor passou por um mordomo ancião, com uniforme negro, o velho atravessando lentamente o corredor vazio, carregando uma bandeja de prata e usando um par de antolhos para cavalos. O invasor passou pela biblioteca, onde uma jovem de pele esverdeada estava parada, de costas para ele, debruçada sobre um antigo pergaminho. Ele passou pela sala de banquetes, de um lado um grupo de músicos tocando silenciosamente, dançarinos girando sobre si mesmos. Do outro, uma grande cidade queimava, suas chamas colidindo sem efeito contra as paredes de pedra e a tapeçaria apodrecida. O invasor passou pelas chamas silenciosas, mas seu semblante se fechou, tenso, enquanto ele via mais uma vez a poderosa cidade de Ventobravo queimando ao seu redor.

Em um quarto, três moças estavam sentadas ao redor de uma mesa, contando mentiras agora desconhecidas. Canecas de metal estavam espalhadas pela superfície da mesa e também abaixo dela. O invasor parou, observando essa imagem por um longo tempo, até que uma garçonete fantasma trouxe mais uma rodada. Então ele chacoalhou sua cabeça e seguiu em frente. Ele estava próximo do nível térreo, e saiu para um balcão baixo que estava preso precariamente à parede, como um ninho de vespas sobre a porta principal. Lá, na vasta área em frente a torre, entre a entrada principal e o agora destruído estábulo no pátio, estava uma única figura fantasma, só e separada. Ela não se movia como as outras, apenas ficava lá, esperando, em expectativa. Uma parte do passado não libertada, uma parte que esperava por ele. A imagem parada era de um jovem, com uma faixa branca correndo pelos seus cabelos negros desarrumados, como um gambá. Os espaçados fragmentos de uma barba recém

nascida. Uma mochila batida ao lado de seus pés, segurando com uma força mortal uma carta com um selo vermelho. Esse certamente não era um fantasma, o invasor sabia, apesar de o dono desta imagem estar possivelmente morto, caído em combate sob o Sol de uma terra estrangeira. Ele era uma memória, um pedaço do passado, preso como um inseto no âmbar, esperando sua libertação. Esperando sua chegada. O invasor sentou no beiral de pedra da sacada e olhou, além do pátio, além do rochedo, além do anel de colinas. Havia silêncio sobre o luar, como se as montanhas elas mesmas estivessem segurando a respiração, esperando por ele. O invasor levantou uma mão e entoou uma série de palavras. Primeiro vieram suaves as rimas e os ritmos, então mais altos, finalmente mais alto ainda, terminando a calmaria. Distantes, lobos retornaram o canto, num uivo em contraponto. Então a figura fantasmagórica do jovem, seus pés aparentemente presos na lama, respirou fundo, levou sua mochila de segredos para sobre o ombro, e arrastou-se para a entrada principal da torre de Medivh.

1. Karazhan

Hadggar agarrou a carta de introdução com selo rubro e tentou desesperadamente lembrar seu próprio nome. Ele cavalgara por dias, seguindo diversas caravanas, e finalmente terminara a viagem para Karazhan sozinho através da vasta e super crescida floresta de Elwynn. Então a longa escalada até as alturas da montanha, para este local isolado, sereno. Até o ar parecia frio e defasado. Agora, amargo e cansado, o jovem de barba rala esperava à frente do pátio, petrificado por o que tinha que fazer. Se apresentar para o mais poderoso mago de Azeroth. Uma honra, os escolares do Kirin Tor disseram. Uma oportunidade, eles insistiram, que não era para ser desperdiçada. Os sábios mentores de Hadggar, um conclave de escolares e feiticeiros influentes, disseram a ele que eles estavam tentando infiltrar uma cabeça amiga na torre de Karazhan a anos. O Kirin Tor queria aprender que conhecimentos o mago mais poderoso das terras escondera em sua biblioteca. Eles queriam saber que pesquisas ele fazia. E mais do que tudo, eles queriam que esse mago dissidente começasse a planejar o seu legado, queriam saber quando o grande e poderoso Medivh planejava treinar um herdeiro. O Grande Medivh e o Kirin Tor aparentemente estavam a tempos se desentendendo em um assunto ou outro, e só agora ele pedira por um dos seus membros. Só agora ele teria um aprendiz. Seja por um amolecimento da conhecida cabeça dura do feiticeiro, ou por meras concessões diplomáticas, ou por um sentimento rastejante da própria mortalidade do mago, não importava para os mestres de Hadggar. A simples verdade era que esse poderoso, independente (e para Hadggar, misterioso) feiticeiro pedira por um assistente, e o Kirin Tor, que governava o reinado mágico de Dalaran, estava mais do que feliz de conceder. Então o jovem Hadggar foi escolhido e despachado com uma lista de instruções, ordens, contraordens, requisições, sugestões, conselhos e outros pedidos de seus mestres feiticeiros. Pergunte a Medivh sobre as batalhas de sua mãe contra os demônios, pediu Guzbah, seu primeiro instrutor. Descubra tudo o que conseguir sobre história élfica em sua biblioteca, pediu a senhora Delth. Pesquise seus volumes por quaisquer bestiários, ordenou Alonda, que estava convencida de que havia uma quinta espécie de troll ainda não registrada em seus próprios volumes. Seja direto, bola pra frente, honesto, recomendou Norlan, o Artesão Chefe – o grande Medivh parecia valorizar esses traços. Seja responsável e faça o que lhe for pedido. Mantenha a postura. Sempre pareça interessado. Fique sempre ereto. E acima de tudo, mantenha seus ouvidos e olhos abertos.

As ambições do Kirin Tor não incomodavam Hadggar terrivelmente – sua ascensão em Dalaran e sua posição prematura de aprendiz no conclave tornaram claro a ele que seus mentores eram insaciavelmente curiosos a respeito de mágica em todas as suas formas. Suas continuas acumulações, catalogações e definições de magia eram impressas nos novos estudantes já enquanto jovens, e Hadggar não era diferente da maioria. Aliás, ele reconhecia que a sua própria curiosidade pode ter favorecido a sua recente situação. Suas próprias perambulações noturnas pelos corredores da Cidadela Violeta em Dalaran haviam levado-o a descobrir mais do que alguns segredos que o conclave preferiria que não fossem chafurdados. O gosto do Artesão Chefe por vinho de chamas, por exemplo, ou a preferência da senhora Delth por cavalheiros jovens, com uma pequena fração de sua idade, ou a coleção secreta do bibliotecário Korrigan de panfletos descrevendo (de forma sombria) as práticas de adoradores de demônios históricos. E havia algo a respeito de um dos grandes sábios de Dalaran, o venerável Arrexix, um dos grandes conselheiros que até os outros respeitavam. Ele havia desaparecido, ou morrido, ou algo horrível acontecera, e os outros escolheram por não fazer menção a isso, chegando ao ponto de extirpar o nome de Arrexix dos volumes e não falar a seu

respeito novamente. Mas Hadggar descobrira, mesmo assim. Hadggar tinha um jeito para descobrir a referencia correta, fazer a conexão necessária, ou conversar com a pessoa certa na hora certa. Era um dom, e poderia vir a se provar uma maldição. Qualquer uma dessas descobertas poderia ter resultado na obtenção dessa prestigiada (e considerando todos os treinamentos e avisos, potencialmente fatal) atribuição. Talvez eles pensassem que o jovem Hadggar era muito bom em desencavar segredos – mais fácil para o conclave mandá-lo para algum lugar onde sua curiosidade faria algum bem para o Kirin Tor. Ou pelo menos colocá-lo longe o suficiente para que não ficasse descobrindo coisas sobre os nativos da Cidadela Violeta. E Hadggar, através de sua bisbilhotice implacável, ouvira essa teoria também. Então Hadggar partiu com sua mochila cheia de anotações, o coração cheio de segredos, e a cabeça cheia de grandes pedidos e conselhos inúteis.

Na última semana antes de partir de Dalaran, ele conversara com quase todos os membros do conclave, estando cada um deles interessado em algo a respeito de Medivh. Para um feiticeiro morando no fim do mundo, cercado de árvores e picos agourentos, os membros do Kirin Tor estavam extremamente curiosos a respeito dele. De forma urgente, parecia. Respirando fundo (e dessa forma sendo lembrado de que ainda estava muito perto do estábulo), Hadggar avançou a passos largos em direção à torre propriamente dita, seus pés sentindo como se estivesse puxando seu pônei de carga pelos tornozelos. A entrada principal era ampla como a entrada de uma caverna, sem portão ou grades. Fazia sentido, pois que exército iria cruzar a floresta de Elwynn, para vencer as paredes arredondadas da cratera, tudo para lutar com o mago Medivh em pessoa? Não havia registro de qualquer um ou qualquer coisa jamais ao menos tentar confrontar Karazhan. A entrada sombria era alta o suficiente para deixar um elefante completamente armado passar. Pouco acima havia uma sacada larga com proteções de pedras brancas. De lá alguém estaria no nível das colinas ao redor e veria as montanhas além. Houve um estalo de movimento no balcão, algo que Hadggar mais sentiu do que testemunhou. Talvez uma figura encapuzada andando pelo balcão, entrando na torre. Estava ele sendo observado? Haveria alguém para recebê-lo, ou era esperado que ele desbravasse a torre por conta própria? “Você é o novo jovem?” Perguntou uma voz suave, quase sepulcral, e Hadggar, ainda com a cabeça empinada, quase pulou para fora de si. Ao girar, ele viu uma figura magra, encurvada, emergir das sombras da entrada. A coisa encurvada se parecia marginalmente humana, e por um momento Hadggar pensou se Medivh estaria mutando animais silvestres para trabalharem como seus serventes. Este parecia uma fuinha sem pelos, sua longa face era enquadrada por o que parecia um par de retângulos negros. Hadggar não se lembrava de ter dado qualquer resposta, mas o homem fuinha deu um passo à frente e repetiu a pergunta. “Você é o novo jovem?” disse. Cada palavra era enunciada com seu próprio fôlego, encapsulada em sua própria caixinha, capitalizada e separada das outras. Ele saiu completamente para fora das sombras e se mostrou nada mais ou menos ameaçador do que um homem velho magricela em uniforme de lã negra.

Um servente – humano, mas um servente. Ele ainda estava usando retângulos negros nas laterais de sua cabeça, como um par de protetores auriculares que se estendiam para frente até a ponta de seu nariz proeminente. O jovem percebeu que ele estava encarando o velho, “Hadggar,” ele disse, então depois de um momento apresentou a carta de introdução que apertava em suas mãos. “De Dalaran. Hadggar de Dalaran, no reino de Lordaeron. Eu fui enviado pelo Kirin Tor. Da Cidadela Violeta. Eu sou Hadggar do Kirin Tor. Da Cidadela Violeta. De Dalaran. Em Lordaeron.” Ele se sentia como se estivesse jogando pedras de conversação em um poço grande e vazio, esperando que o velho respondesse a alguma delas. “Claro que você é, Hadggar,” disse o velho. “Do Kirin Tor. Da

Cidadela Violeta. De Dalaran. De Lordaeron.” O servente tomou a carta proferida como se o documento fosse um lagarto vivo e, após alisar as bordas amassadas, enfiou-a na jaqueta de seu uniforme sem abri-la. Após carregá-la e protegê-la por tantos quilômetros, Hadggar sentiu a dor da perda. A carta de introdução representava seu futuro, e ele estava relutante em vê-la desaparecer, nem que por um momento. “O Kirin Tor me mandou para auxiliar Medivh. Lorde Medivh. O feiticeiro Medivh. Medivh de Karazhan.” Hadggar percebeu que ele estava a meio passo de colapsar em pleno balbuciar e com um esforço definitivo, fechou sua boca completamente. “Tenho certeza de que o fizeram,” disse o servente, “lhe mandar, quero dizer”. Ele avaliou o selo na carta, e uma mão magra mergulhou em seu casaco, puxando um conjunto de retângulos negros presos por um fino fio metálico. “Antolhos?” Hadggar piscou. “Não. Quer dizer, não obrigado.” “Moroos,” disse o servente. Hadggar balançou a cabeça. “Eu sou Moroos,” disse o servente. “Administrador da torre. Castelão de Medivh. Antolhos?” Novamente ele ergueu os retângulos negros, semelhante aos que enquadravam seu rosto. “Não, obrigado... Moroos,” disse Hadggar, sua face se contorcendo de curiosidade. O servente se virou e gesticulou com um fraco aceno de mão para que o seguisse. Hadggar pegou sua mochila e teve que dar uma corrida para alcançar o servente. Com toda sua suposta fragilidade, o administrador se movia num bom ritmo. “Você está sozinho na torre?” Hadggar arriscou, enquanto começavam a subir um conjunto de escadas largas e curvadas.

As pedras eram afundadas no centro, desgastadas pela miríade de pés de serventes e visitantes. “Eh?” respondeu o servente. “Você está sozinho?” repetiu Hadggar, pensando se ele teria que se reduzir a falar como Moroos para ser entendido. “Você vive aqui sozinho?” “O Magus está aqui,” respondeu Moroos numa voz assobiada que parecia tão pálida e tão mórbida como a poeira em uma tumba. “Sim, é claro,” disse Hadggar. “Não faria muito sentido você estar aqui se ele não,” continuou o administrador. “Não estivesse aqui, quero dizer.” Hadggar pensou se a voz do velho soava assim por não ser usada frequentemente. “É claro,” concordou Hadggar. “Alguém mais?” “Você, agora,” continuou Moroos. “Mais trabalho cuidar de dois do que de um. Não que eu tenha sido consultado.” “Então, só você e o feiticeiro, normalmente?” disse Hadggar, pensando se o administrador teria sido contratado (ou criado) por sua natureza taciturna. “E Cook,” disse Moroos. “Mas Cook não fala muito. Obrigado por perguntar mesmo assim.” Hadggar tentou se controlar para não rolar os olhos, mas falhou. Ele torceu para que os antolhos em ambos os lados do rosto do administrador tenham impedido-o de ver sua resposta. Eles chegaram em um ponto plano, um cruzamento de corredores iluminado por tochas. Moroos cruzou imediatamente para outro conjunto de escadas curvas desgastadas opostas a eles. Hadggar parou por um momento para examinar as tochas. Ele levantou uma mão a meros centímetros das chamas, mas não sentiu calor. Hadggar ponderou se o fogo frio era comum na torre. Em Dalaran eles usavam cristais fosforescentes que emitiam um brilho constante, apesar de suas pesquisas falarem de espelhos refletivos, espíritos elementais presos em lanternas e, em um caso, gigantescos vaga-lumes aprisionados. Entretanto, essas chamas pareciam congeladas no local. Moroos, já na metade do próximo conjunto de escadas, virou devagar e deu uma tossida. Hadggar se apressou para alcançá-lo. Aparentemente os antolhos não limitavam tanto o velho administrador. “Por que os antolhos?” perguntou Hadggar. “Eh?” Respondeu Moroos. Hadggar tocou o lado de sua cabeça.

“Os antolhos. Por que?” Moroos retorceu sua cara no que Hadggar só podia assumir ser um sorriso. “A magia é forte aqui. Forte e as vezes errada. Você vê... coisas... por aqui. A não ser que você seja cuidadoso. Eu sou cuidadoso. Outros visitantes, os que vieram antes de você, eles eram menos

cuidadosos. Eles se foram agora.” Hadggar pensou no fantasma que ele pode ou não ter visto no balcão superior, e concordou. “Cook tem um par de lentes de quartzo rosa,” acrescentou Moroes. “Jura por eles.” Ele parou por um momento e então acrescentou “Ela é meio que uma tola.” Hadggar esperava que ele fosse ser mais conversador quando estivesse mais aquecido. “Então, você está cuidando da casa do Magus faz tempo?” “Eh?” disse Moroes de novo. “Você está com Medivh faz tempo?” Hadggar disse, torcendo para manter o tom impaciente ausente em sua voz. “Ayep,” disse o administrador. “Tempo suficiente. Muito tempo. Parecem anos. O tempo é desse jeito por aqui.” O administrador experiente deixou sua voz diminuir e os dois subiram em silêncio. “O que você sabe sobre ele?” arriscou Hadggar, finalmente. “O Magus, quero dizer.” “A pergunta é,” disse Moroes, abrindo ainda mais uma porta para revelar ainda mais um conjunto de escadas. “O que você sabe?” A pesquisa de Hadggar sobre o assunto foi surpreendentemente improdutiva e seus resultados foram frustrantemente esparsos. Apesar do acesso à grande biblioteca de Cidadela Violeta (e acesso ilícito a algumas bibliotecas privadas e coleções secretas), havia muito pouco a respeito deste grande e poderoso Medivh. Isso era duplamente estranho, já que todo mago ancião parecia ter grande admiração por Medivh, e queria uma coisa ou outra dele. Um favor, um benefício, um pouco de informação. Medivh era aparentemente um jovem, comparado com outros feiticeiros. Ele estava apenas nos seus quarenta anos e por uma grande parte deste tempo parece não ter causado qualquer impacto nos seus arredores. Isso era uma surpresa para Hadggar. A maioria dos contos que ele ouvira ou lera descrevia feiticeiros independentes como sendo extremamente exibidos, destemidos para se meterem com segredos que os homens não foram feitos para saberem, e normalmente mortos, aleijados ou amaldiçoados por mexerem com energias e poderes além de seus conhecimentos.

A maioria das lições que ele aprendera quando criança a respeito de magos que não eram de Dalaran terminavam da mesma forma – sem restrições, controle ou pensar, o feiticeiro selvagem, destreinado ou autodidata sempre terminava com um fim ruim (algumas vezes, apesar de pouco frequente, destruindo também uma grande porção dos campos ao seu redor). O fato de Medivh ter falhado em trazer um castelo para cima de si mesmo, ou dispersar seus átomos pela Espiral Etérea, ou invocar um dragão sem saber como controlar esse dragão, indicava ou grandes restrições ou grandes poderes. Pela bagunça que os escolares fizeram a respeito de sua escolha, e pela lista de instruções que recebera, Hadggar decidiu pela segunda opção. Ainda assim, com toda sua pesquisa, ele não conseguiu descobrir o porquê. Nada indicava alguma grande pesquisa desse Medivh, alguma grande descoberta, nem algum feito de tremer o solo que seria responsável pela grande admiração que o Kirin Tor tinha por esse mago independente. Nenhuma grande guerra, nenhuma grande conquista ou batalhas épicas conhecidas. Os bardos eram notavelmente falhos nos assuntos que diziam respeito a Medivh, e os mais zelosos arautos acenavam com a cabeça na hora de discutir seus feitos. Ainda assim, percebia Hadggar, havia algo importante aqui, algo que criava nos escolares uma mistura de medo, respeito, inveja. O Kirin Tor não considerava qualquer outro conjurador de magias como semelhante em conhecimento mágico. Aliás, normalmente tentavam retardar os feiticeiros que não se aliavam com a Cidadela Violeta. Ainda assim, eles bajulavam Medivh. Por que? Hadggar tinha apenas as peças menores – um pouco de seus pais (Guzbah estava particularmente interessado na mãe de Medivh), algumas notas de rodapé em um grimório evocando seu nome, e a menção de ocasionais visitas a Dalaran. Todas essas visitas ocorreram nos últimos cinco anos, e aparentemente Medivh se encontrou apenas com magos anciãos, como o agora desaparecido Arrexis. Somando tudo, Hadggar conhecia menos que pouco a respeito desse suposto grande mago a quem ele fora atribuído a trabalhar com. E como ele considerava conhecimento como sua armadura e sua espada, ele se sentia

calamitosamente despreparado para o encontro por vir.

Em voz alta ele disse, “Não muito.” “Eh?” respondeu Moroos, meio que se virando nas escadarias. “Eu disse, eu não sei muito,” disse Hadggar, mais alto do que ele gostaria. Sua voz ecoou pelas paredes nuas da escadaria. Elas estavam curvadas agora, e Hadggar pensou se a torre era mesmo tão alta quanto parecia. Suas coxas já estavam doendo por conta da escalada. “Claro que não,” disse Moroos. “Não sabe, quero dizer. Homens jovens nunca sabem de muita coisa. É isso que os faz jovens, eu suponho.” “Eu quero dizer,” disse Hadggar, irritado. Ele pausou e tomou fôlego. “Eu quero dizer, eu não sei muito sobre Medivh. Você perguntou.” Moroos esperou por um momento, seu pé parado no próximo degrau, “Eu suponho que eu o tenha perguntado,” ele disse finalmente. “Como ele é?” perguntou Hadggar, sua voz quase suplicando. “Como todo mundo, eu suponho,” disse Moroos. “Tem suas manias, seus gênios, bons dias e maus dias. Como todo mundo.” “Veste suas calças uma perna de cada vez,” disse Hadggar, suspirando. “Não, ele levita para dentro delas,” disse Moroos. O velho servente olhou para Hadggar, e o jovem percebeu o menor esboço de um sorriso na face do velho. “Mais um conjunto de escadas.” O conjunto final de escadas fazia uma curva apertada, e Hadggar supôs que eles deviam estar próximo ao anel mais alto da torre. O velho servente mostrou o caminho. A escadaria se abriu em um pequeno quarto circular, cercado por um largo parapeito. Como Hadggar supusera, eles estavam na ponta mais alta da torre, com um grande observatório. As paredes e o teto eram perfurados por janelas cristalinas, claras e desembaçadas. Durante o tempo da escalada, a noite caíra completamente e o céu estava negro e polvilhado de estrelas. O observatório propriamente dito era escuro, iluminado por algumas poucas das mesmas tochas de chamas congeladas, como nos outros locais. Entretanto estas estavam encapuzadas, os lampiões cobertos para a observação do céu noturno. Um braseiro apagado no centro do quarto estava preparado para mais tarde, pois a temperatura cairia pela manhã. Várias mesas grandes e curvas estavam dispostas em volta da parede externa do observatório, cobertas com toda sorte de aparatos.

Alavancas de prata e astrolábios de ouro serviam de peso de papel ou como marca páginas, mantendo textos anciãos abertos nas páginas certas. Um modelo metade desmontado estava em uma mesa, mostrando movimentos planetários através do vazio celestial, fios finos e miçangas adicionais estavam espalhados juntos com ferramentas delicadas. Blocos de notas estavam amontoados contra uma parede e outros estavam em caixotes entulhados embaixo das mesas. Um mapa do continente estava esticado em uma moldura, mostrando as terras do sul de Azeroth e a própria Lordaeron de Hadggar, assim como os reinos dos reclusos anões e elfos de Khaz Modan e Quel’Thalas. Numerosos alfinetes espetavam o mapa, formando uma constelação que só o próprio Medivh poderia decifrar. E Medivh estava lá, pois para Hadggar não podia ser qualquer outro. Ele era um homem de meia idade, seu cabelo longo e preso em formando um rabo de cavalo. Em sua juventude, seu cabelo devia ter sido preto ébano, mas agora já estava se tornando cinza nas têmporas e na barba. Hadggar sabia que isso acontecia com muitos magos, por causa do desgaste das energias mágicas que eles manejavam. Medivh trajava um roupão simples para um mago – bem cortado, caindo bem e apropriado para seu alto semblante. Um tabardo curto, sem adornos, pendurado na cintura, sobrecalças enfiadas nas botas superdimensionadas. Uma capa castanha pesada pendurada em seus ombros largos, o capuz caído para trás. Quando os olhos de Hadggar se ajustaram à escuridão, ele percebeu que estava errado quando aos trajes do feiticeiro não serem adornados. Pelo contrário, eram rendados com fios de prata, de natureza tão delicada que eram invisíveis num primeiro olhar. Olhando para as costas do mago, Hadggar percebeu que ele estava olhando para a face estilizada de

Obrigado por visitar este ebook!

Você pode ler a versão completa deste ebook em diferentes formatos:

- HTML (Grátis / disponível para todos os usuários).
- PDF / TXT (Disponível para membros VIP. Membros com uma inscrição básica podem acessar até 5 ebooks em formato PDF / TXT durante o mês).
- Epub e Mobipocket (Exclusivo para membros VIP).

Para baixar esse livro completo, basta selecionar abaixo o formato desejado:

